

Hans-Jörg Ronsdorf

O que a cruz
tem a ver conosco

Simples.
Esclarecedor.



POR QUE JESUS TINHA DE MORRER?

Por que Jesus tinha de morrer?

O que a cruz tem a ver conosco

Hans-Jörg Ronsdorf

1ª edição, outubro de 2026, Sulzberg

Todos os direitos reservados

Capa: Christine Ronsdorf

Palavras bíblicas citadas livremente

Pedidos, perguntas, contato: hj-ronsdorf@t-online.de

*Mas Deus prova o seu amor para conosco pelo fato de Cristo ter morrido **POR NÓS**
quando ainda éramos pecadores.*

Romanos 5:8

Este pequeno livro vai atrás de uma única pergunta: por que a morte de um homem há dois mil anos haveria de me ajudar hoje? Ele foi escrito para leitores que têm pouco a ver com a igreja. Passo a passo, com palavras simples.

Sumário

1 Uma pergunta simples	6
2 O que não está certo conosco	8
3 Como Deus realmente é	10
4 Por que sangue?	12
5 O que o próprio Jesus disse	14
6 Três frases difíceis	16
7 Como a sua morte nos salva	19
8 Por que a Páscoa faz parte	22
9 A boa notícia	24

1 Uma pergunta simples

Há dois mil anos, um homem foi executado. Fora da cidade, diante das muralhas. Num madeiro, numa cruz de madeira. Diante de espectadores curiosos, acostumados à violência. Assim morriam muitos naquela época. Os romanos mataram milhares, crucificaram muitos. Mortes sem sentido.

Desse único homem, os cristãos dizem até hoje uma frase estranha. Que ele morreu por nós. O que significa isso: por nós? O que essa única morte teria de diferente?

Houve e há pessoas que morrem por outras. Quando só dessa maneira conseguem salvar outros da morte. Não se pode fazer nada maior do que entregar a si mesmo pelos outros. Para que eles possam viver.

Antigamente, antes de existirem vacinas, crianças morriam sufocadas pela difteria. Uma membrana espessa ia fechando a garganta delas. Às vezes, só uma coisa ajudava. O médico introduzia um tubinho e aspirava a membrana com a própria boca. A criança voltava a respirar. Mas agora o médico tinha a doença dentro de si. Alguns morreram por causa disso.

O médico não apenas ajudou. Ele tomou para dentro de si aquilo que estava matando a criança. A doença saiu da criança e entrou no médico.

É exatamente aqui que começa a pergunta. Se Jesus morreu por nós: de que, afinal, ele nos salvou? Qual era a doença, e onde estava, se aplicarmos essa imagem?

A maioria das pessoas nem sente doença alguma. Elas vivem, trabalham, amam, fazem o melhor que podem. Uma doença? Onde? E, mesmo que haja uma, por que a morte de um homem há dois mil anos haveria de curá-la? Um homem morreu em Jerusalém. Eu vivo aqui.

O que a cruz dele tem a ver comigo? Essa não é uma pergunta ingênua. É a pergunta mais importante que se pode fazer ao cristianismo. Neste pequeno livro, não quero fazer outra coisa senão tentar responder a essa única pergunta. Passo a passo. Primeiro: de que sofremos? Depois: quem é aquele que tira isso de nós? Depois: o que acontece com ele? E, por último: como isso chega até mim?

Um dos primeiros cristãos disse essa frase certa vez com mais precisão. Ele escreveu que Jesus carregou a nossa culpa no seu próprio corpo, ali no madeiro, na cruz. E que pelas suas feridas fomos curados.¹

Guarde três palavras dessa frase:

Carregou. Corpo. Curados.

Isso vai nos ocupar um pouco.

1. 1 Pedro 2:24

2 O que não está certo conosco

Não começo por Deus.

Trata-se de nós.

Nenhum de nós pôde escolher quem nos gerou e onde nascemos. Em que circunstâncias a vida nos lançou não foi decisão nossa. Também onde estamos hoje, na maioria das vezes, não fomos nós que decidimos.

Agora já não se trata de uma doença do corpo, como a da criança no capítulo 1. Trata-se de uma doença que não se pode tocar, e de como ela é sentida: vazio, falta de sentido, sentimento de culpa, quebrantamento, falta de saída, prisão interior, desesperança. Ninguém quer sentir nada disso. Quem para com sinceridade poderia perceber esses sentimentos e outros parecidos.

Muitas vezes eles vêm num momento de silêncio. À noite, quando você não consegue dormir. Diante de um túmulo. Ou quando uma pessoa já não fala mais com você. Então há algo que você não consegue afastar.

Toda pessoa tem algo que já não pode reparar. Uma palavra que foi dita. Uma porta que foi batida. Alguém que morreu antes que vocês se reconcilhassem. Uma fraude que ninguém percebeu, mas que você mesmo nunca esquece.

Você pode fazer muita coisa. Pode reconhecer o erro. Pode pedir desculpas. Pode reparar o dano, onde for possível. Pode decidir nunca mais fazer aquilo.

O reconhecimento chega tarde demais. O pedido de desculpas já não alcança o outro. O dano não pode ser reparado, porque não há dinheiro que pague. Ou porque nem é possível. E a boa intenção só dura até a próxima vez.

E, mesmo que tudo desse certo, algo ficaria. O fato aconteceu. Ele está no mundo. Nenhuma reparação o desfaz.

Até aqui, olhamos apenas para nós, seres humanos. E se Deus for o nosso Criador? Não fomos nós que criamos o mundo. Nem as leis da natureza. Nem as leis ou as condições de como podemos lidar com a culpa ou de como podemos realmente nos livrar dela. É o mundo de Deus, no qual nascemos. Mesmo que pensemos o contrário: não somos nós que determinamos as regras.

Tudo o que mencionei acima podemos comparar com uma doença mortal. A Bíblia tem para isso uma palavra curta: pecado.

A palavra pecado está desgastada. Muitos ouvem nela apenas sermão moralista e dedo em riste. O que se quer dizer é algo muito próximo da vida. A palavra que a Bíblia usa significa literalmente: errar o alvo. Como uma flecha que passa ao lado.

Pecado, portanto, significa: não sou quem eu deveria ser. E fiz o que não deveria ter sido feito. As duas coisas estão ligadas. A palavra se refere aos atos. Esses se podem contar. E se refere a uma parte do nosso ser, de onde vêm esses atos. Essa não se pode contar. Mas todo mundo a conhece. Você se propõe uma coisa, e depois faz a outra. Como se fosse um poder que nos impele. De dentro e também de fora.

Agora vem uma frase que é difícil de ouvir. Ela vale para todos. Também para mim.

A Bíblia diz assim: todos pecaram e não correspondem à glória de Deus.² Isso significa: ninguém é, nem se torna, aquilo para o qual Deus originalmente o fez.

Não culpo ninguém, não acuso ninguém. No fim, cada pessoa fica frente a frente consigo mesma. A fuga de si mesmo termina algum dia. Melhor parar e ser sincero: há prisão interior, vazio, falta de sentido, culpa, solidão, quebrantamento, violência, delitos? Eles são como a febre. Mas a febre não é a doença. Ela mostra que há uma doença, que algo não está certo.

Por trás disso está a doença. Ela não é barulhenta. Ela age em silêncio. E não há nenhum degrau em que você escape dela. Pois a culpa não está só nos outros ou fora de mim. Ela está em mim. Na minha vida, na minha história, naquilo que eu sou.

Um filósofo chamou certa vez a nossa consciência de tribunal. Nele há três vozes: um acusador, um defensor e um juiz. As três falam dentro de nós. O acusador enumera o que fizemos. O defensor procura desculpas. E o juiz pronuncia uma sentença da qual não podemos escapar. Ninguém precisa nos explicar esse tribunal. Nós o carregamos conosco.

Por isso, uma simples palavra não basta. Quando alguém me diz: “Deixa pra lá”, isso é gentil. Mas não faz de mim outra pessoa. E não desfaz o que aconteceu. Nenhum médico cura uma criança dizendo: “Não é tão grave.”

Precisamos, portanto, de duas coisas. Que sejamos perdoados. E que aquilo que está em nós saia e chegue ao fim. Uma sem a outra não ajuda.

2. Romanos 3:23

3 Como Deus realmente é

Não saímos dessa situação sem Deus. A nossa existência não é concebível sem Deus. Quer acreditemos nisso, quer não.

Antes de tudo, um mal-entendido.

Quase todo mundo tem uma imagem de Deus na cabeça. Também quem não crê. Muitas vezes é a imagem de um vigia severo. Alguém que vê tudo e não esquece nada. Alguns aprenderam assim quando crianças: “O bom Deus vê tudo.” Isso não soava como consolo. Soava como vigilância.

Se transferimos isso para a cruz de Jesus, soa assim: Deus quer castigo. Jesus se lançou no meio para que o castigo atingisse a ele e não a nós. O Filho apaziguou o Pai irado.

Muitos ouviram assim, também em igrejas. Alguns foram embora por causa disso. Quem gostaria de confiar num Deus que primeiro precisa ver sangue antes de se tornar amável?

Algo disso é verdade. Deus vê o que fazemos. E ele não simplesmente apaga nada. Mas o resto não está certo. Quem começa com essa imagem acaba entendendo tudo errado. Essa imagem é uma caricatura. No mínimo, uma simplificação.

E se Deus for totalmente diferente? Vejamos quem, na Bíblia, dá o primeiro passo. Nunca é o ser humano. É sempre Deus. Ele procura Adão no jardim, depois que este se escondeu. Ele chama Abraão. Ele tira o seu povo da escravidão no Egito antes de lhe dar um único mandamento sequer. E, por último, envia o seu Filho.

Uma das frases mais conhecidas da Bíblia o diz assim: Deus amou tanto o mundo que deu o seu Filho.³

Não foi o Filho que arrancou do Pai o amor. O Pai deu o Filho porque amava. Assim como o médico do capítulo 1 veio porque queria ajudar. Não porque o tivessem convencido.

Como, então, Deus lida com aquilo que fizemos aos outros e, com isso, a ele? Começemos de novo por nós. Imagine que alguém feriu você. Gravemente. Você tem duas possibilidades. Pode dar o troco. Ou pode perdoar.

3. João 3:16

O que significa perdoar? Não significa que a ferida desapareceu. Significa que você mesmo carrega o dano, em vez de devolvê-lo ao outro. Quem perdoa paga. Sempre. Esse é o preço do perdão. E quem o paga não é o culpado, mas aquele que perdoa.

Essa é a experiência entre os seres humanos. E com Deus? No Antigo Testamento, a primeira parte da Bíblia, ele diz ao seu povo:

*Você me deu trabalho com os seus pecados. Eu, eu mesmo sou aquele que apaga as suas transgressões, por amor de mim.*⁴

As duas coisas estão lado a lado. O pecado dá trabalho a Deus. Ele o carrega. E ele o apaga. Não porque o merecêssemos. Mas porque ele é assim. Não o juiz que espreita um erro. Mas aquele que já carrega o fardo muito antes de percebermos que o colocamos sobre ele.

Mas essa é só uma metade. Deus não faz de conta que nada aconteceu. Um Deus que passasse por cima de tudo não seria um Deus bom. Seria indiferente. Quando uma criança sofre uma injustiça, esperamos que alguém leve isso a sério. Deus leva a sério. Tudo. A injustiça que eu cometi, tão a sério quanto a que cometeram contra mim.

Trata-se de saber se Deus, ao carregar e suportar o pecado, é justo, imparcial e coerente. Ele vai pôr tudo em ordem, o passado, o presente e o futuro? Isso diria respeito a todos e a cada um. O dano causado pelo nosso fracasso – pelo nosso pecado – pode algum dia ser reparado? Uma coisa inimaginável, que provavelmente só pode acontecer por meio de um milagre inimaginável.⁵

Tudo isso junto nos leva à cruz. Um Deus que fosse apenas severo não precisaria de cruz. Poderia simplesmente castigar e retribuir. Um Deus que fosse apenas brando também não precisaria de cruz. Poderia fazer vista grossa. Isso seria igualmente trágico. Mas Deus é as duas coisas. Ele leva a culpa a sério. E ama o culpado por inteiro. Um Deus assim segue um caminho em que as duas coisas continuam verdadeiras. E ele não fica dividido entre uma e outra. Ele é amor, e o que ele faz é amor. É um amor que é justo e santo.

A cruz é esse caminho. E é o caminho dele. Não o nosso.

4. Isaías 43:24-25

5. Romanos 3:25-26

4 Por que sangue?

A cruz foi um acontecimento sangrento. E não conseguimos contornar o sangue. Mesmo que isso soe estranho. Pelo menos nas nossas latitudes.

No dia a dia, raramente encontramos sangue. Num ferimento. No médico, quando ele colhe sangue. Ou numa doação de sangue. Ali aprendemos algo que, de outro modo, esquecemos facilmente: o sangue pode salvar vidas. O sangue de um mantém o outro vivo.

Quem vai a um culto pela primeira vez talvez ouça um cântico sobre o sangue de Jesus. E se admire. Ou sinta nojo. Por que o cristianismo não consegue passar sem sangue? Por que não basta uma palavra de perdão?

Começemos de novo por nós. Um menino pequeno rabisca com canetinhas a toalha de mesa branca da sua mãe. Ela entra e vê. E o perdoa. Na hora, sem censura. Mas a toalha continua colorida. O perdão não a deixa limpa. Alguém precisa lavá-la. E quem a lava não é o menino.

Essa é a diferença entre perdão e purificação. O perdão diz: não vou levar isso em conta contra você. A purificação diz: isso foi embora. Precisamos das duas coisas. No capítulo 2 vimos que o pecado está em nós, como uma doença. Por isso não precisamos só de alguém que diga: “Deixa pra lá.” Precisamos de alguém que cure.

E com Deus? Ele ensinou isso ao seu povo Israel muito antes de Jesus. Numa linguagem que nos é estranha. Naquela época, todos a entendiam. É a linguagem dos sacrifícios.

Um israelita que tinha se tornado culpado levava um animal ao santuário, o lugar em que Deus habitava. Ele punha a mão sobre a cabeça do animal. Isso queria dizer: este animal agora me representa. Depois o animal era abatido. O sacerdote pegava o sangue e o levava ao altar. O sangue era o principal. Não o matar. O sangue.

Por quê? Porque o sangue, na Bíblia, representa a vida. Na Lei de Moisés, Deus diz:

*A vida está no sangue, e eu o dei a vocês sobre o altar, para que ele os cubra.*⁶

6. Levítico 17:11

Há muito nessa frase. Deus dá o sangue. Ele não o cobra como um credor cobra o seu dinheiro. Ele o dá, como um médico dá um remédio. E o que o sangue faz se chama: cobrir. Ele se coloca sobre a culpa. E, ao mesmo tempo, a remove.

O que diz essa linguagem estranha? Três coisas:

A culpa é séria.

Ela custa uma vida.

E essa vida, quem a dá é Deus.

Mas os animais eram apenas uma imagem. Uma ovelha não sabe por que morre. Ela não pode tomar nada sobre si, porque não entende nada. A própria Bíblia diz que o sangue de animais não pode tirar a culpa.⁷ Era uma espécie de aula. Com isso, Deus anunciava o que um dia faria de verdade.

E então ele o fez. Não com um animal. Com um ser humano que sabia o que fazia. Que o queria. Ele, que era o próprio Filho de Deus. Aqui Deus não tomou sangue alheio. Ele deu o seu próprio.

Por isso, sangue. Não porque Deus queira ver sangue. Mas porque a culpa custa uma vida. E porque Deus decidiu que essa vida seria a sua própria. Pai e Filho são perfeitamente um nesse ato.

7. Hebreus 10:4

5 O que o próprio Jesus disse

E o próprio Jesus? Ele sabia o que o esperava?

Quando uma pessoa morre cedo, os que ficam muitas vezes perguntam: ela pressentiu? Disse alguma coisa que só agora entendemos? Às vezes se encontra uma carta. Ou a gente se lembra de uma frase à qual, na época, não deu atenção.

No caso de Jesus, surge facilmente outra suspeita: o sentido só teria sido dado à sua morte depois. Um pregador foi longe demais. Os poderosos o tiraram do caminho. E os seus amigos, depois, procuraram um sentido para a morte sem sentido. Isso acontece. As pessoas fazem isso quando estão de luto.

Os relatos dizem outra coisa. Jesus falou sobre a sua morte antes que ela chegasse. Várias vezes. E ele mesmo deu a ela exatamente o sentido redentor.

Três vezes ele disse aos seus amigos que iria a Jerusalém e que ali teria de morrer. Teria de. Eles não queriam ouvir isso. Pedro, um deles, o contradisse com veemência. Jesus manteve o que tinha dito.

Certa vez ele chamou a si mesmo de médico. Censuravam-no por se sentar à mesa com os odiados cobradores de impostos e outras pessoas de má fama. Ele respondeu:

*Não são os sãos que precisam de médico, mas os doentes.*⁸

Ele sabia para quem tinha vindo. E disse também para quê:

*O Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos.*⁹

Filho do Homem: era assim que Jesus chamava a si mesmo. Resgate: é o dinheiro que compra a liberdade de um prisioneiro. Do cativo, da escravidão. De uma vida endividada. Jesus diz: a minha vida é o preço. E vocês são os que ficam livres.

Na última noite, ele comeu com os seus amigos a refeição da Páscoa judaica. Nessa festa, Israel se lembra até hoje da libertação do Egito. Ele tomou o pão, partiu-o e disse: “Isto é o meu corpo, por vocês.” Tomou o cálice com vinho e disse: “Isto é o meu sangue, derramado por muitos, para perdão dos pecados.”¹⁰

8. Marcos 2:17

9. Marcos 10:45

10. Lucas 22:19; Mateus 26:28

Eles não entenderam. Só mais tarde. Mas ele o disse antes que acontecesse. Ele sabia que ia morrer. Sabia por quem. E sabia para quê.

Então veio a noite no jardim do Getsêmani, ao pé do monte das Oliveiras. Ali vemos o que aquilo lhe custou. Ele levou consigo três dos seus amigos. Disse-lhes que a sua alma estava triste até a morte. Depois caiu por terra e orou:

*Pai, tudo te é possível. Afasta de mim este cálice. Contudo, não o que eu quero, mas o que tu queres.*¹¹

O cálice é uma imagem antiga. Nos profetas de Israel, o cálice é aquilo que Deus dá a uma pessoa para beber. A sua parte. O seu destino. Às vezes é bênção. Às vezes é o mais pesado que se pode destinar a uma pessoa. Jesus viu o que havia no seu cálice. Pediu que ele passasse. E então o bebeu.

Ele, portanto, não tropeçou para dentro da sua morte. Ele viu o que vinha. Pediu para ser poupado. E mesmo assim foi. Voltaremos a isso no capítulo 7.

Na cruz, pouco antes de morrer, ele disse ainda uma palavra. Em grego, é uma única palavra. Em português precisamos de duas: Está consumado.¹² Isso não quer dizer: acabou. Mas: está feito. A missão está cumprida.

11. Marcos 14:34-36

12. João 19:30

6 Três frases difíceis

Agora fica difícil.

Três frases que você precisa ler devagar.

Você conhece frases que precisa ler duas vezes. Um laudo médico. Uma carta de um órgão público. Você as lê, deixa de lado e lê de novo. Porque muita coisa depende delas.

Também sobre a morte de Jesus existem frases assim. Os primeiros cristãos a resumiram em poucas frases. Três delas são especialmente difíceis. Difíceis porque carregam muito. E difíceis porque é fácil entendê-las mal.

A primeira frase: Cristo morreu pelos nossos pecados, segundo as Escrituras.¹³

Essa é a frase mais antiga sobre a cruz que temos. Paulo a escreve por volta do ano 55 aos cristãos de Corinto. E acrescenta que ele mesmo a recebeu daqueles que eram cristãos antes dele. A frase vem, portanto, dos primeiros anos depois da cruz. Ninguém a inventou gerações depois.

Pelos nossos pecados. Não: por causa dos seus inimigos. Não: como exemplo para nós. Mas: *pelos nossos pecados.* A morte dele tem a ver com aquilo que estava no capítulo 2. Com a doença que está em nós. Com aquilo que já não podemos reparar.

Segundo as Escrituras. Isso significa: assim já estava escrito antes na Bíblia de Israel. Os primeiros cristãos não inventaram a cruz de novo. Eles a reencontraram ali. Da forma mais clara num cântico que já tinha séculos. Ele fala de um Servo de Deus que é desprezado, que sofre, que morre. E diz:

*Ele carregou a nossa doença. Por causa das nossas transgressões ele foi ferido. O SENHOR fez cair sobre ele a culpa de todos nós.*¹⁴

A palavra que está aqui significa de fato doença. É a “doença do pecado”. O profeta vê alguém que toma para dentro de si aquilo de que os outros estão doentes. Como o médico junto à cama da criança.

As histórias de libertação da Bíblia de Israel apontam para a cruz. O que ali aconteceu a um povo acontece aqui por todas as pessoas.

13. 1 Coríntios 15:3

14. Isaías 53:4-6

A segunda frase: Aquele que não conheceu pecado, Deus o fez pecado por nós, para que nele nos tornássemos justiça de Deus.¹⁵

Essa é a mais difícil das três. Você precisa lê-la pedaço por pedaço.

Que não conheceu pecado: Jesus não tinha culpa própria e nunca fez causa comum com a injustiça. *O fez pecado:* Deus o colocou no lugar a que o pecado pertence. Ele o fez um com aquilo que nós somos. Não: ele o fez pecador. Mas: ele lhe entregou a nossa causa, por inteiro. E então o objetivo: *para que nos tornássemos justiça de Deus.* Nele.

Justiça aqui não significa: ser sem falhas. Significa: estar em paz com Deus, com as contas acertadas. Voltar a pertencer.

Isso é uma troca. Ele recebe o que é nosso. Nós recebemos o que é dele. Mas não é uma troca como no mercado, onde dois estranhos empurram algo de um lado para o outro. É uma troca nele. Nós somos incluídos. Na sua morte na cruz. E na sua vida de ressurreição.

Paulo escreve certa vez uma carta curta a um amigo. Um escravo fugiu desse amigo. Ele se chama Onésimo. Talvez tenha levado alguma coisa. Paulo o conheceu e o manda de volta. E escreve: se ele lhe deve alguma coisa, ponha na minha conta. Eu pago.¹⁶ Ninguém pensa aqui em castigo. Um se coloca no lugar do outro. É assim que a Bíblia fala também de Jesus.

A terceira frase: Ele carregou os nossos pecados em seu corpo sobre o madeiro.¹⁷

Essa frase você já conhece do capítulo 1. Ela menciona o lugar. Em seu corpo. Sobre o madeiro, a cruz. Não em pensamento, não em algum lugar no céu. Num dia determinado, numa viga determinada, num corpo que podia sangrar.

E ela menciona a ação: carregou. A isso pertence ainda uma imagem da linguagem dos sacrifícios. Uma vez por ano, no grande Dia da Expição, o sacerdote punha as duas mãos sobre a cabeça de um bode vivo. Ele confessava sobre ele toda a culpa do povo. Depois se levava o bode para o deserto. Ele carregava a culpa para longe. Para um lugar de onde ela não voltava.¹⁸

É exatamente essa palavra que está também na terceira frase: carregou. Carregou para longe. Jesus é como o bode que leva a culpa para fora. E é, ao

15. 2 Coríntios 5:21

16. Filemom 18-19

17. 1 Pedro 2:24

18. Levítico 16:21-22

mesmo tempo, o sacrifício cujo sangue purifica. As duas coisas numa só pessoa.

A frase continua: para que nós, mortos para os pecados, vivamos para a justiça. Ali não está escrito: para que nos sintamos melhor. Ali está escrito: para que vivamos de outro modo. A morte de Jesus não é só algo que aconteceu por nós. Por meio dela, algo deve acontecer também conosco e em nós.

E então vem a frase que já conhecemos: Pelas suas feridas vocês foram curados. A morte dele é a nossa vida.

7 Como a sua morte nos salva

Agora vem uma resposta. Ou, pelo menos, a tentativa de uma resposta.

Quem perdeu uma pessoa pergunta: por quê? Por que ele? Por que assim? Na maioria das vezes, não se recebe resposta. A morte continua sem sentido.

No caso de Jesus, perguntamos de outro modo. Não só: por que ele morreu? Mas: o que aconteceu na sua morte? Essa é a terceira pergunta do capítulo 1. Tendo uma aproximação em cinco passos.

Primeiro: ele tomou isso sobre si.

Jesus não foi vítima de um acidente. Ele entrou nisso. Ele sabia o que o esperava em Jerusalém. E foi para lá. Na noite antes da sua morte, orou para que aquilo passasse dele. Depois disse: não o que eu quero, mas o que tu queres.¹⁹

O que veio depois, foram pessoas que fizeram. A traição por um amigo. Uma sentença que estava decidida desde o início. Golpes, zombaria, a execução. Nenhum raio do céu. Mãos humanas. E, no entanto, a Bíblia diz: exatamente esse era o caminho de Deus. Deus entregou o seu Filho.²⁰ As duas coisas são verdadeiras. Pessoas o fizeram. Deus deixou acontecer, porque assim o quis. Porque assim deveria acontecer o milagre inimaginável de que falou o capítulo 3.

O que Jesus sofreu ali é o que acontece quando um mundo sem Deus segue o seu curso. A semente brota. Mentira, injustiça, violência, morte. Essa é a colheita da culpa e do pecado. Ele a recolheu, no seu próprio corpo. Não a colheita dele. A nossa.

Segundo: ele pôde carregá-lo, porque não era dele.

Aqui ajuda a imagem do médico do capítulo 1. Por que ele pôde tirar a doença da criança? Porque ele mesmo não a tinha. Ele veio saudável, de fora. Um médico que está ele mesmo sufocando não pode dar ar a nenhuma criança.

Assim também aqui. Jesus não tinha culpa própria. Nenhuma palavra que precisasse retirar. Nenhuma porta que tivesse batido. Por isso pôde carregar a

19. Marcos 14:36

20. Romanos 8:32; Atos 2:23

nossa. O justo pelos injustos.²¹ Ele carrega. Ele assume a nossa culpa. Ele se coloca totalmente do lado dos pecadores. Isso acontece na cruz. O que isso fez com ele naquelas horas?

Terceiro: ele o levou para dentro da sua morte.

Por que tinha de ser uma morte?

Lembre-se do capítulo 2. O pecado não está só nos outros ou fora de mim. Ele está em mim. Na minha vida. O pecado, essa doença mortal que está numa vida, só encontra o seu fim quando essa vida termina. Por isso não se pode simplesmente perdoá-lo como uma conta. Uma conta pode ser rasgada. Uma vida, não.

Jesus acolheu o nosso pecado na sua vida. Como o médico, a doença da criança. E entregou essa vida à morte. A culpa e a nossa doença foram junto para o lugar a que pertencem. Assim como o bode carregou os pecados para o deserto, para a terra da morte. Ali ele ficou.

A Bíblia o diz com esta frase dura:

*Deus condenou (e julgou) o pecado na carne do seu Filho.*²²

Não o Filho. O pecado. Ele recebeu a sua sentença no lugar para onde ele o tinha carregado. Essa é a resposta à pergunta do capítulo 3. Deus não faz vista grossa. Ele julga o pecado. E salva o pecador. Assim, a sua morte por nós se torna a porta para a vida.

E o sangue? Na Bíblia, o sangue representa a vida que é entregue. Não a crueldade. Ele diz: eu dou a minha vida por vocês.

O salário e a consequência do pecado é a morte. O Autor da vida morre em nosso lugar para nos salvar da morte duradoura, eterna.

Quarto: a morte não pôde retê-lo.

Aqui termina a imagem do médico. O médico morreu da doença, e ficou por isso mesmo. Com Jesus, não ficou por isso mesmo. Ele mesmo era perfeitamente bom e justo. Uma morte em que termina o pecado de outros não tem direito nem motivo para retê-lo. Três dias depois, o túmulo estava vazio. Sem isso, todo o resto seria um belo exemplo. Com isso, é uma salvação. Disso trata o próximo capítulo.

Quinto: a sua morte vale como a nossa.

21. 1 Pedro 3:18

22. Romanos 8:3

Agora o passo que faz disso um assunto meu. A Bíblia não diz só: ele morreu por nós. Ela diz: nós morremos com ele.²³ Isso não é uma expressão piedosa. Significa: o que chegou ao fim na morte dele foi o meu ser doente e pecador. A pessoa que eu era morreu ali na cruz e foi colocada junto no túmulo. E o que saiu do túmulo dele é o começo daquilo que eu devo me tornar. As coisas antigas já passaram; eis que se fizeram novas.²⁴

Por isso, a essa morte pertence uma pequena palavra que não se pode pular: com. Não só por nós. Com ele. Quem se apegue a ele é levado junto. Para dentro da sua morte, onde a culpa e o pecado ficam. E para fora, para a sua vida, onde eles já não existem.

Como essa ligação pode acontecer, num acontecimento de 2000 anos atrás, não sei dizer. Também aqui vale: esse é o caminho e a solução de Deus.

O que isso significa.

Pense naquilo que você já não pode reparar. Não lembro você disse para que se sintam mal. Não está desfeito. Ninguém afirma isso. Mas foi carregado para longe. Por alguém que podia carregá-lo. Para um lugar de onde nunca mais volta.

E você?

Você já não é aquele em quem isso está. Você passou com ele pela morte. Isso não é um sentimento. É um fato que Deus estabeleceu. Você pode firmar-se nessa verdade de Deus.

Fica um resto que não consigo explicar? Sim. Como uma vida pode levar outras vidas consigo, através da morte, continua sendo um mistério. O que isso significou para Jesus no mais íntimo, também. Mas é um mistério com uma data, um lugar e um túmulo vazio.

Neste ponto, só posso dizer: obrigado, Jesus, obrigado!

23. Romanos 6:4; 2 Coríntios 5:14

24. 2 Coríntios 5:17

8 Por que a Páscoa faz parte

Na sexta-feira ele morreu.

No domingo o túmulo estava vazio.

Quem já esteve diante de um túmulo conhece essa sensação. Aqui algo chegou ao fim. Definitivamente. Pode-se trazer flores e acender velas. Mas a morte tem a última palavra. Pelo menos é o que parece.

Imagine que a história de Jesus tivesse terminado na sexta-feira. Um homem bom, executado. Seus amigos escondidos, com medo de serem os próximos. Seu túmulo fechado com uma pedra pesada e vigiado.

Então teríamos um exemplo comovente. Alguém que morreu por sua convicção. Alguém que, ainda na cruz, orou por seus carrascos. Poderíamos admirá-lo. Poderíamos tentar imitá-lo. Mas ninguém estaria salvo. Ele seria como o médico do capítulo 1: tomou a doença para si, e ela o matou.

Paulo diz isso sem rodeios:

*Se Cristo não foi ressuscitado, vocês ainda estão em seus pecados.*²⁵

Ainda em seus pecados. O túmulo, então, não seria o lugar onde a culpa ficou. Seria apenas o lugar onde ele também ficou. Então tudo o que está escrito neste livro cairia por terra.

Os primeiros cristãos afirmam algo inaudito. Ele não teria permanecido morto. No terceiro dia o túmulo estaria vazio. Mulheres o encontraram assim, de madrugada. E ele teria se encontrado com seus amigos. Não como um espírito. Como alguém que come com eles e cujas feridas se podem tocar.

E se isso for verdade? Então, para a nossa pergunta, isso significa pelo menos três coisas.

Primeiro: Deus disse sim. Sim ao que aconteceu na sexta-feira. Se Deus o ressuscita, então a sua morte não foi uma desgraça que Deus consertou depois. Então tudo aquilo foi o caminho, e Deus o confirmou. Uma frase antiga diz as duas coisas num só fôlego: Ele foi entregue por causa das nossas transgressões e ressuscitado para que estejamos justificados diante de Deus.²⁶ A morte tira a culpa. A ressurreição diz: isto vale para sempre.

25. 1 Coríntios 15:17

26. Romanos 4:25

Segundo: A culpa ficou no túmulo. Ele, não. Esse é o sinal de que ela já não existe. Se ainda houvesse algo pendente, a morte teria tido o direito de retê-lo.

Um rápido esclarecimento: “A culpa ficou no túmulo” é uma imagem. Significa: ela está resolvida, removida, já não existe.

Terceiro: Ele vive. Aquele que morreu por nós não é passado. Ele está presente. Hoje. Para sempre. Ele foi para Deus, com um corpo de ressurreição humano e imortal. De lá ele voltará.

A história da difteria, aliás, continuou. No fim do século 19 descobriu-se um remédio. Ele era obtido do sangue de cavalos. Tinha-se dado a eles o veneno da doença, primeiro pouco, depois mais. Eles o haviam vencido. E no sangue deles estava agora aquilo que salvava as crianças. Milhares de crianças sobreviveram assim.

Toda imagem é imperfeita, também esta. Mas ela mostra algo. Quem passou pela doença e a venceu, a sua vida pode curar outros. Jesus acolheu em si a doença do mundo e venceu a morte. A sua vida agora vale para nós. A Bíblia diz:

*Seremos salvos pela sua vida.*²⁷

O mal ainda está aí. A doença também, e a morte. Mas o remédio foi encontrado. O fim deles está garantido.

27. Romanos 5:10

9 A boa notícia

E eu?

O que eu ganho com isso?

Você leu este livro até aqui. Talvez com curiosidade. Talvez com dúvida. Talvez com as duas coisas. Esta é a última pergunta do capítulo 1: Como isso chega até mim? Um homem morreu há dois mil anos e ressuscitou. O que eu tenho a ver com isso?

Nada, enquanto eu apenas fico olhando. Tudo, assim que eu me confio a ele.

Imagine um homem que está gravemente doente e, ao mesmo tempo, é réu diante de um tribunal. Faltam-lhe duas coisas: a absolvição e a saúde. Pode-se absolvê-lo, e ele continua doente. Pode-se curá-lo, e ele continua acusado. Ele precisa das duas coisas.

Assim é a nossa situação. Foi o que vimos no capítulo 2. Precisamos de perdão. E precisamos de um fim para a doença que está dentro de nós. A cruz, ou melhor: o crucificado, dá as duas coisas de presente. Mas não como uma máquina automática em que se põe uma moeda. Ele as dá como um médico que se aproxima da cama. É preciso um encontro.

O que o doente precisa fazer? Pense na criança do capítulo 1. Ela não podia fazer nada, a não ser ficar quieta e deixar o médico agir. Ela não precisava entender o que o médico fazia. Só precisava deixá-lo agir.

A Bíblia tem uma palavra para isso: crer. A palavra está desgastada. Muitos ouvem nela: considerar verdadeiro algo que não se pode provar. Mas o sentido é outro. Crer significa: apoiar-se nele. Confiar-se a alguém que pode ajudar. Você não precisa entender tudo. Apenas, e antes de tudo, isto: É ele quem perdoa, cura e salva. Você precisa deixá-lo chegar perto de você. Abrir-se para ele e deixá-lo entrar.

E o que acontece então? Uma frase o diz assim:

*Justificados, pois, mediante a fé, temos paz com Deus.*²⁸

Justificados – essa é a absolvição. E paz. Não um cessar-fogo, em que cada um espera para ver se o outro vai recomeçar. Paz. O assunto está resolvido. Não

28. Romanos 5:1

porque eu o tenha resolvido. Mas porque ele o carregou em seu corpo sobre o madeiro.

Três coisas fazem parte disso. Não é pressão. É um convite.

Voltar-se. Isso não significa: primeiro ficar bom, depois vir. Significa: mudar de direção. Parar de querer curar a si mesmo. Admitir que não dá. Voltar-se é o que, numa palavra antiquada, se chama arrependimento.

Deixar-se batizar. O batismo é um sinal que acontece com o corpo inteiro. A pessoa é mergulhada e volta à tona. A Bíblia diz: Fomos sepultados com ele.²⁹ A pessoa que eu era é colocada lá onde a culpa ficou. E aquele que sai de lá pertence àquele que vive. Com o batismo, a pessoa declara pertencer a um novo Senhor, ao Rei Jesus.

Fazer parte. Ninguém percorre esse caminho sozinho. Quem pertence a Jesus pertence a uma comunhão com muitos outros. Você precisa dos outros. E os outros precisam de você.

E agora o fim. Não é um fim, é um começo. A frase com que tudo começou dizia: Ele morreu por nós. Agora você sabe o que os cristãos querem dizer com isso. Ele acolheu em si a nossa culpa, porque ela não era dele. Ele a carregou em seu corpo para dentro da sua morte. Ele nos levou junto para dentro e nos trouxe junto para fora. E ele vive.

Há coisas que você já não pode reparar. Isso continua sendo verdade. Mas há alguém que as carregou. Essa é a boa notícia. A Bíblia a chama de Evangelho. Eu creio: ela é verdadeira. E ela é para você.

29. Romanos 6:4



Um homem é executado, há dois mil anos. Mais tarde, seus amigos dizem: Isso foi por nós.

O que isso quer dizer? Alguém pode morrer por outros? E o que isso tem a ver comigo?

Este livro vai atrás dessa pergunta até o fim. Ele diz o que não está certo conosco, como Deus realmente é e por que uma morte pode mudar alguma coisa.

A cruz é mais do que um símbolo. Ela é a saída para a vida eterna.

Para todos os que realmente querem saber.